

QUINTA DO MUSEU ROMÂNICO DA QUINTA DA MACIEIRINHA  
(Foto de José Pedro Duarte)

## S U M Á R I O

- 226** O MUSEU ROMÂNICO  
DA QUINTA DA MACIEIRINHA  
— MEMÓRIAS AVULSAS  
por Florindo de Vasconcelos
- 233** D. ARMANDO LOPES COELHO  
— PERFIL, BREVE DO NOVO BISPO DO PORTO
- 234** LAZER E TURISMO  
NO NOROESTE DE PORTUGAL  
por J.F.A. / L.P.S.M.
- 238** A CARTA REGIA DE 1668  
por Aurélio de Oliveira
- 246** O BARRIO DO CASTELO DO QUEILÓ:  
CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
DE UM ESPAÇO DIFERENTE  
por José A. Rio Fernandes
- 249** UMA FAMÍLIA DO PORTO MEDIEVAL: «ALHOS»  
por Eugénio de Andréa da Cunha e Freiras
- 250** SALVADA CRISTIANO RPOSTA NA FORMAÇÃO
- 251** JOSÉ BERNARDO MOREIRA DOS SANTOS  
UM INDUSTRIAL DE CONSTRUÇÃO CIVIL  
por S. S. P.
- 252** VIDA CULTURAL
- 255** ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Palácio da Bolsa • R. Ferreira Borges  
Telef. 3339060 • 4050 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Eng. Vergílio Folhadela Moreira (Presidente)  
Eng. Francisco de Almeida e Sousa (Administrador)  
João Rui Ribas dos Santos (Administrador)

DIREÇÃO: Dr. F. Almeida Conde (Director)  
Dr. R. Canedo (Director Adjunto)

COORDENAÇÃO GERAL: Dra. Maria do Pilar Garcia  
José Leão

Depósito Legal n.º 17457/86 • Registro na D.G.C.S. n.º 107643

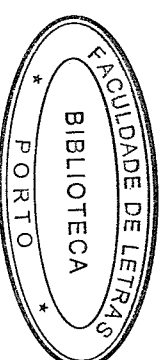
Revista Mensal • Preço: 850\$00 • Assinatura Anual: 8.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIVARTE GRÁFICA • PORTO

DISTRIBUIÇÃO: MÓDULO DA SILVIA BRAGA, Lda.  
Rua Duque de Terceira, 271 - 4000 PORTO

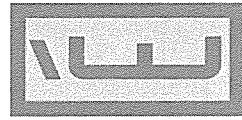
TRABEÇ: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XVI • N.º 110 • AOSTO 1997



008(05)

Tm.



hoje comum, em textos de data mais recente, falar-se da fragmentação da cidade em pequenos e múltiplos territórios

consideravelmente diversos e independentes, embora por vezes contíguos. Talvez se enquadre

nesta leitura a permanência de um conjunto habitacional de matriz popular, com elevada densidade de população e uma imagem e vivência contrastantes com a cidade (pós?)moderna que alguns defendem, localizado bem no coração de uma das áreas mais valorizadas do Porto.

O bairro em questão desenvolve-se em torno das artérias perpendiculares à Avenida da Boavista que com esta confluem junto ao seu extremo ocidental (designadas topónimicamente por 1.ª, 2.ª e 3.ª Rua Particular do Castelo do Queijo). Tal como a localização, do «outro lado» da Foz Nova, junto ao Parque da Cidade e a reputadas escolas ou prestigiados cafés, a sua origem é igualmente diversa da envolvente. De acordo com testemunhos de primitivos residentes, a sua criação seguiu-se a um período em que a construção de alguns barracos em bocas alagadas, tinha por fim um alojamento temporário durante o verão, quando pessoas de Aguçadoura (e também de Vila do Conde e de outros locais do litoral Norte) vinham à Foz recolher sargaço que vendiam aos agricultores locais. Com o passar dos anos, em terrenos para o interior do ponto da costa onde está o Castelo do Queijo, como ocorreu noutros locais em circunstâncias não muito diferentes, a residência provisória foi passando a fixa e a habitação improvisada foi integrando materiais mais resistentes<sup>(1)</sup>.

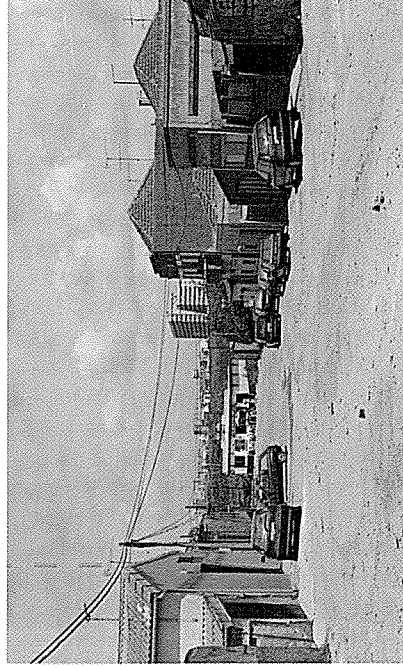
Próximo, um outro bairro se desenvolveu também, alguns anos mais tarde, nos areais que separavam Nevogilde de Matosinhos. Com origem diversa, mas igualmente ocupado sobretudo por gentes do mar provenientes do Norte do país, este bairro aproveitou parte de um «intervalo urbano» que diversos projectos urbanísticos des-

## O BAIRO DO CASTELO DO QUEIJO:

### criação e desenvolvimento de um espaço diferente

tinavam a equipamentos de lazer e desporto, ou a verde público. Desaparecido, por demolição, julgámos que na primeira metade da década de 70, o bairro de Xangai, como era vulgarmente conhecido este conjunto de casas, estava substituído por um conjunto de habitações precárias e a sua origem está directamente associada à criação da seca de bacalhau, sendo certo que pelo menos os primeiros barracos foram construídos pela própria empresa que explorava a seca.

Na medida em que se tornava residência de todo o ano, sedimentava-se entretanto o bairro dos sargaceiros, espaço onde se reúnem as famílias (o homem foi antes, como é habitual em situações de migração, segue-se mulher e filhos), enquanto que amigos e conhecidos são atraídos e ajudam a engrassar o número dos residentes, alargando-se a área construída. O processo que, como na Foz Nova, contribui para a urbanização ao longo da antiga estrada de Cadouços (que se desenvolve junto ao mar entre a Foz Velha e Matosinhos) é formal, social e economicamente distinto daquele que, pela mesma altura, se processa do outro lado da Avenida da Boavista, onde as «melhores famílias» constróem residência fixa, depois de um período em que a Foz tinha sido, sobretudo, local de residência temporária dos que



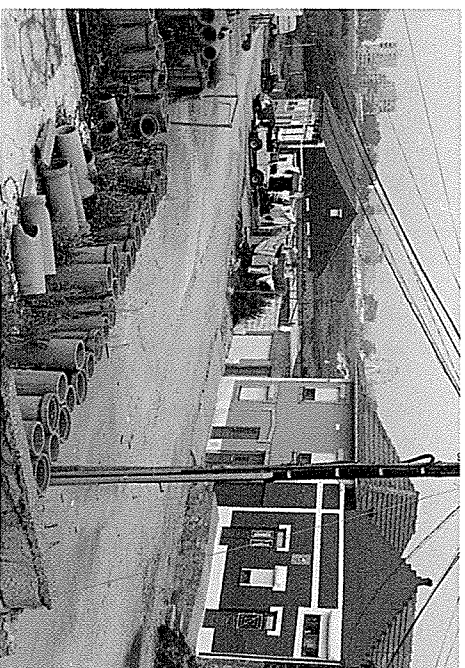
ASPECTO DO BAIRO DO CASTELO DO QUEIJO, PODENDO VER-SE AO FUNDO PARTE DA FRENTE SUL DA CIDADE DE MATOSINHOS

da cidade (leia-se centro da cidade) e de vários pontos do interior do país vinham «a banhos»<sup>(12)</sup>.

O porto de Leixões, a União Fabril e as conserveiras de Matosinhos constituem importante recurso de emprego dos residentes, o qual se amplia e diversifica à medida que o número de moradores aumenta e a venda do sargaco perde significado económico. Em 1940 (ou em ano próximo, que a memória dos mais antigos residentes não permite datações exactas), o proprietário dos terrenos em que o bairro se constitui abre uma primeira rua, particular e sem saída, à qual se sucederão duas outras, procedendo na mesma altura ao loteamento dos terrenos que irão ser adquiridos por alguns dos moradores. Estes vão procurar, através de fórmulas de subaluguer da construção principal, ou, o que é mais vulgar, no aluguer dos anexos que constróem ou deixam construir no seu pequeno lote, o rendimento necessário para compensar o investimento feito, oferecendo residência barata a um operariado em aumento, composto por vezes por alguns dos seus companheiros de trabalho nas docas, ou na indústria matosinhense.

Formalmente, densifica-se o bairro e criam-se algumas situações do tipo «ilha», na medida em que o processo construtivo se faz no interior do lote a partir do portão de acesso, definindo-se uma continuidade das construções ao longo do caminho perpendicular à rua. Com água de poço e luz colectiva que o proprietário faz pagar de acordo com a quantidade de lâmpadas, sem saneamento e tendo que fazer a ligação à «avenida» (onde a cidade começa!) por entre lama ou pó, os residentes desenvolvem uma comunidade de baixos recursos, completamente isolada de outras, mas solidária no seu interior, ali entre Nevogilde e Matosinhos, meio escondida atrás de dunas a partir do mar e quase ilegível à velocidade do automóvel que desce a Boavista.

Na racionalidade da cidade industrial da vivenda e do bloco multifamiliar, estruturada por ruas devidamente pavimentadas, rectilíneas e de largura constante, o Bairro do Castelo do Queijo, pelo contrário, por trás de uma fachada que se procura adaptar às exigências da «citéria» que protege os residentes e dificulta o acesso de estranhos a uma realidade que a cidade legal desconhece. As suas características construtivas decorrem da forma como se processou o crescimento, onde o sucessivo acréscimo de elementos resultou do alugar a mais um núcleo familiar, do nascimento de mais um filho, da che-



FACHADA NASCENTE DA RUA PARTICULAR N.º 1,  
SENDO VISÍVEL EM SEGUNDO PLANO O INTERVALO NÃO CONSTRUÍDO  
QUE A EXPANSÃO DO PARQUE DA CIDADE DO PORTO PRETENDE PREENCHER

gada de um amigo... Barracos, cobertos e cortinholas, com uma altura raramente superior a 1,70 m e com apenas uma porta e alguns postigos, são assim sucessivamente acrescentados à construção inicial (esta devidamente licenciada, voltada para a rua ou construída atrás do muro), à medida das necessidades... e das possibilidades dos moradores! A preocupação principal parece ser a do maior aproveitamento possível de um espaço muito preenchido e povoado e a inserção tão perfeita quanto possível num conjunto em que quase tudo é partilhado. Aqui residem 402 pessoas, distribuídas por 109 famílias, com dimensões que variam da unidade aos 14 elementos<sup>(13)</sup>. As 103 casas são exíguas, verificando-se que apenas 23% têm mais de 50 m<sup>2</sup> de área e que 20% do total têm uma área inferior a 25 m<sup>2</sup>, o que se traduz em valores extremamente reduzidos de captação residencial (a média é de apenas 12 m<sup>2</sup> por habitante).

Os inquéritos que foram efectuados à população local, permitiu verificar alguns outros aspectos relevantes. Relativamente ao trabalho dos seus moradores, por exemplo, é interessante registar uma clara subdivisão entre o sexo masculino, maioritariamente empregue em actividades industriais e portuárias em Matosinhos, e o sexo feminino que, em grande número, trabalha na Foz em actividades de apoio doméstico. A esta relação N-S dominante, soma-se a atracção da Boavista, mais recente e mais significativa junto dos jovens, com um peso importante na deslocação para as escolas de ensino público e uma outra, de destino variável, associada sobretudo ao trabalho na construção civil (que ocupa 30% da mão-de-obra masculina).

Significativamente, verifica-se que as deslocações entre a casa e o trabalho ou a escola, apenas em 10% dos